

Anatomia
Destino
Liberdade

Coleção TerramaR

Coordenadores

Nina Virginia de Araújo Leite (Unicamp)

J. Guillermo Milán-Ramos (Udelar/Urugai – Outrarte/Unicamp)

Conselho Editorial

Cláudia de Lemos (Unicamp)

Flavia Trocoli (UFRJ)

Viviane Veras (Unicamp)

Paulo Endo (USP)

Markus Lasch
Nina Virginia de Araújo Leite
(organizadores)

Anatomia
Destino
Liberdade

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Anatomia, destino, liberdade / Markus Lasch, Nina Virginia de Araújo Leite, (organizadores). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2019. – (Coleção TerraMar)

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-551-6

1. Anatomia 2. Destino 3. Ensaio 4. Freud, Sigmund, 1856 -1939 5. Identidade de gênero 6. Lacan, Jacques, 1901-1981 7. Psicanálise 8. Sexualidade I. Lasch, Markus. II. Leite, Nina Virginia de Araújo. III. Série.

19-31325

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise : Ensaio 150.195

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
detalhe: Hans Bellmer, *La Poupée*, 1936
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão: Rebeca Pinheiro Queluz
revisão final dos autores
biblioteca: Cibele Maria Dias – CRB-8/9427

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

NOVEMBRO/2019

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

Sobre a algo inusitada justaposição de anatomia,
destino e liberdade. 9

Markus Lasch e Nina Virginia de Araújo Leite

A não relação sexual – *sexo ab-sens*

Na relação ao sexo, diga-me, quem engana quem? 17

Camilla Rehem Ferreira

A *Bedeutung* e o fio cortante 25

Cláudia Aparecida de Oliveira Leite

O feminino na psicose e o empuxo-à-mulher 35

Daniela Canguçu

“Não existe relação sexual”: um impasse
nas fórmulas lacanianas da sexuação 51

Glória Maria Monteiro de Carvalho

Pol Galofre: os desencontros de um sujeito
entre gênero e sexuação. 61

Heloísa Bedê

“A anatomia é o destino”? Articulações psicanalíticas
em torno do Filme *A pele que habito*, de Almodóvar. 71
Iaraci Fernandes Advíncula

Sujeito, saber, sexo: triangulação
e dobras na banda de Moebius. 83
Lilian Braga dos Santos

A anatomia do S(\bar{A}) e o não-há da relação sexual:
o impossível como destino. 93
Pâmella Fernandes Freitas

A terminologia da não relação lacaniana: diferença
dos sexos, gênero e diferença sexual 105
Rafael Kalaf Cossi

Adão, Eva... e Lacan: a liberdade como não-relação. 115
Vinícius Moreira Lima

Destinos do trágico, destinos da pulsão

Autismo: saber no real? 129
Angela Vorcaro

Autistas e suas linhas de errância: uma leitura psicanalítica
do trabalho de Fernand Deligny 139
Ariadne Messalina Batista Meira e Angela Vorcaro

Interromper a marcha letal, forma e liberdade
segundo Ruth Klüger 155
Flavia Trocoli

Do não-ser: a psicanálise nos limites
da retórica e da poética 175
Jaqueson Luiz da Silva

O destino da carta/letra entre Derrida e Lacan 191
Kaio Fidelis

O feminino é o destino?	203
<i>Mariana Maroca de Castro</i>	
Trágicos? Ἄτη onde? A contingência forçada ou a furada do destino	211
<i>Marie-Lou Lery-Lachaume</i>	
Anatomia e destino de Antígona: (re)montando (re)cortes.	223
<i>Markus Lasch</i>	
Da “inoculação do destino inevitável” (Antígona 2)	239
<i>Markus Lasch</i>	
Voz de homem, voz de mulher: a questão transexual e o corpo indomável	251
<i>Maurício Eugênio Maliska</i>	
Um ato de liberdade	261
<i>Nina Virginia de Araújo Leite</i>	
O milagre da liberdade manca: Antígona ou a morte	273
<i>Patrícia Leme</i>	
Tornar a forma oca: anatomia e destino lidos n’ <i>O amante</i> , de Marguerite Duras	285
<i>Renata da Costa Netto Estrella</i>	
O nome que habita a página: herança e escrita em Marguerite Duras	295
<i>Tatiane França</i>	
Nomes do feminino: operar mais além do jogo dos significantes	305
<i>Thereza De Felice</i>	

Liberdade, determinação, responsabilidade

Uma leitura borromeana da estrutura	321
<i>Angela Vorcaro e Carla Almeida Capanema</i>	
Uma aposta no significante gênero.	333
<i>Carla Rodrigues</i>	
O que se inventa na incerteza do sexo.	342
<i>Cirlana Rodrigues de Souza</i>	
Destino: Liberdade	373
<i>Conceição Aparecida Costa Azenha</i>	
Interrogações sobre o luto e a liberdade na prática cotidiana da virtualidade	389
<i>Eliana Benguela</i>	
Destino vs liberdade: qual o lugar ocupado pelo contingente? . . .	405
<i>Glória Maria Monteiro de Carvalho</i>	
Não-todo viril: destinos do falo em <i>Eu, mamãe e os meninos</i> . . .	419
<i>Heloísa Bedê e Vinícius Moreira Lima</i>	
Reflexões sobre o corpo falante e seus destinos na clínica de linguagem	425
<i>Melissa Catrini e Maria Francisca Lier-DeVitto</i>	
Leitores de Kafka, uma leitura.	435
<i>Ricardo Azevedo Pacheco</i>	
Liberdade e psicose: um corpo a ser inventado	445
<i>Suely Aires</i>	
Um instante a mais.	465
<i>Tainá Pinto</i>	
A solução de Daniela Andrade: a identidade de gênero como assunção de um significante	475
<i>Vinícius Moreira Lima e Angela Vorcaro</i>	
Sobre os autores.	485

Sobre a algo inusitada justaposição de anatomia, destino e liberdade

Markus Lasch

Nina Virginia de Araújo Leite

O ponto de partida de presente livro, que reúne textos decorrentes dos últimos dois encontros do Centro de Pesquisa Outrarte, situa-se no evento promovido por esse mesmo centro em 2016, que discutia “O caso: entre exceção e transmissão”. Uma de suas mesas plenárias, que tinha como título “O gênero interrogado pela clínica”, produziu na época uma série de equívocos e desencontros, o que interrogou os pesquisadores vinculados por várias vias. A primeira destas vias dizia respeito à própria escolha do termo “gênero”, que constava do título. O que parece ter ficado apagado ou despercebido na proposta – apesar da interrogação clínica marcada na chamada – é justamente o que pode diferenciar a psicanálise de outros arcabouços teóricos que articulem a diferenciação entre sexo e gênero. No campo psicanalítico, a nodulação de que se trata tem de ser pensada primordialmente enquanto relevo da singularidade, e não a partir da referência sociológica.

Nessa perspectiva, uma das razões para propor “a anatomia E o destino” como título do Encontro Outrarte de 2017 era enfatizar a novidade da obra de Freud quanto ao que vem a ser a sexualidade, novidade e subversão freudianas muitas vezes esquecidas ou escamoteadas quando se trata da diferença entre sexo e gênero. Em outras palavras, tendo cons-

tatado as dificuldades para estabelecer avanços na discussão proposta em 2016, o propósito era retornar ao nó a ser elaborado, para retomar e bem dizer, só-depois, o que ali se colocou como ponto de estancamento.

Evidentemente, o título não deixa de fazer ressoar – com modificações importantes, é claro – a famosa afirmação freudiana “a anatomia é o destino”, por sua vez variação, como indica o próprio fundador da psicanálise, de um dito de Napoleão Bonaparte.¹ É no texto de 1912, “Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa”, que encontramos uma primeira referência à formulação. Em 1924, ela reaparece no texto “A dissolução do complexo de Édipo”. A forma como decidimos propor a escrita do tema, “a anatomia E o destino”, indica a importância a ser dada à perda da cópula e à presença do conectivo “E”. A queda da cópula remete ao princípio: não há relação sexual; e este é um dos pontos mais importantes que devemos ter em mente a analisar o tema em tela. Nesse sentido, vários dos trabalhos nos encontros de 2017 e 2018, assim como diversos ensaios deste volume retomam a escrita da impossibilidade de escrever a relação sexual.

Uma outra questão que se destaca como básica no que respeita à diferença sexual é como a entendemos em psicanálise, especialmente ao partirmos da afirmação freudiana de que só há uma libido, a masculina? A que registro remeter tal diferença quando levamos a sério a formulação freudiana quanto à bissexualidade constitutiva e inarredável do sujeito? Como pensar a diferença levando em conta que as fórmulas da sexuação são escritas unicamente em referência ao falo como função, ou seja, que as fórmulas abordam a relação do *parlêtre* com seu gozo, qualquer que seja o sexo com o qual se identifique? Será preciso lembrar, nesse contexto, que, dentre todos os animais, é apenas para os que falam que a diferença sexual é destino e não origem? Ou ainda que, independentemente de seu sexo biológico, é como interrogação que concerne ao seu ser que o animal

1. Ao contrário do que frequentemente se afirma, esse dito de Napoleão teria sido sobre a política (a política é o destino) e não sobre a geografia. Veja-se a esse título o ensaio “Anatomia e destino de Antígona: (re)montando (re)cortes” no presente volume.

falante encontra o desejo do Outro, sendo que as respostas lhe serão enviadas pelas linhas tortas do inconsciente?

Se na passagem de 2016 a 2017 a cópula cedeu lugar à conjunção, o título proposto para o encontro de 2018 deu um passo além ao abandonar a estrutura de frase e estabelecer uma série significativa. Isso graças à introdução do termo “liberdade”, termo que não havia comparecido nos trabalhos e discussões do encontro de 2017, nem tampouco corresponde a um conceito psicanalítico. Embora seja verdade que, enquanto conceito, a liberdade não pertence ao âmbito da psicanálise, ela consta – como significativa – em seu método, nomeado por Freud de “associação livre”. De que liberdade tratar-se-ia no vocábulo referido à associação?

Por sua vez, Lacan, embora tenha afirmado que não falara sobre a liberdade, não deixou de indicar alguns encaminhamentos através dos quais se pode pensá-la, especialmente no que diz respeito à sua relação com a loucura, articulando-a à antinomia freudiana destacada em *O mal-estar na cultura*, quanto ao funcionamento do superego. Cabe observar ainda que o termo “liberdade”, a exemplo de seus opostos implícitos como “determinação” ou “heteronomia”, articulava-se, nas proposições do simpósio, aos binários masculino-feminino e anatomia-destino. Desfazendo os pares, a inclusão do termo “liberdade” permitia lançar a questão sobre a contingência e o destino, uma vez que convidava a pensar o arbítrio, implicado tanto no exercício da liberdade quanto em sua suposta ou possível ausência. Pois, se o sujeito é submetido ao campo do Outro, sua causa reside no objeto – não subsumível ao significativo. Seria daí que se poderia pensar a margem possível para um ato, livre?

No que concerne aos eixos temáticos que estruturam o presente livro, a questão da diferença sexual inscreve-se, como já foi dito, fundamentalmente naquilo que não cessa de não se escrever, na impossibilidade da relação sexual, no sexo *ab-sens*. Que não haja relação sexual, é um dizer que Lacan anuncia a partir do dizer de Freud, um dizer inferido da lógica que toma como fonte o dito do inconsciente. O *ab-sens*, indicando um afastamento do sentido, vem a designar o sexo. Desde Freud, a sexualidade traz a marca do paradoxo do sentido, na medida mesma em que o sentido da sexualidade em psicanálise se encontra para além do usual entendimento do que vem a ser a sexualidade, mas também aquém deste sentido usual.

O que seria então um sentido para além e para aquém, senão justamente o que daí se afasta?

Por sua vez, o significante “destino” liga o ensaio freudiano sobre “O declínio do complexo de Édipo”, em que se reitera a vinculação entre anatomia e destino, pelos importantes escritos metapsicológicos de 1915, entre outros “Pulsões e destinos de pulsões”, aos primórdios da psicanálise. Já em sua famosa carta de 15 de outubro de 1897, Freud tinha escrito a Fließ que o poder impressionante do *Édipo rei* de Sófocles, apesar de todas as oposições da razão contra a necessidade do destino, baseava-se no fato de o mito grego recolher uma compulsão reconhecida por todos, já que cada um sentiria sua existência em si. Cada um dos ouvintes teria sido um dia, na raiz e em sua fantasia, um Édipo. De forma semelhante, quase *ipsis litteris*, reiterará no capítulo V da *Interpretação dos sonhos* que o destino de Édipo só nos comove ainda hoje porque também poderia ter sido o nosso, porque o oráculo nos consignou antes de nosso nascimento maldição semelhante. A ligação entre a tragédia sofocliana e a teoria psicanalítica é tão estreita que Freud chama ainda vinte anos depois, em uma nota acrescentada ao terceiro dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o complexo de Édipo não só de complexo nuclear das neuroses, mas também de xiboleto que separaria os partidários da psicanálise de seus opositores.

Se a importância dada ao *Édipo rei* significava uma guinada interpretativa de Freud em relação ao séc. XIX, em que se observa uma larga preferência por *Antígona*, guinada interpretativa, por assim dizer, em retorno à tradição aristotélica, a obra de Lacan representa evidentemente neste ponto nova importante inflexão. Não só porque, no que concerne ao Édipo, desloca a descoberta freudiana da natureza inconsciente do desejo para uma relação estrutural entre linguagem e desejo, mas também na medida em que recoloca *Antígona* no centro da questão, acrescentando ainda o terceiro elemento da trilogia tebana, *Édipo em Colono*. Ora, nesse movimento estão implicados, com a profunda conjunção entre vida e morte, tanto a teoria pulsional ulterior e a obra tardia de Freud quanto uma prática psicanalítica que havia considerado essas teoria pulsional e obra tardia como especulativas, pouco científicas e exteriores ao que seria o suposto cerne da teoria freudiana.

Escusado dizer, com vistas ao terceiro eixo estruturante do livro, que os seus termos se relacionam tanto com as injunções trágicas aqui evocadas, quanto com os mal-estares subjacentes, do mais genérico na cultura àquele descortinado pelo evento do Outrarte de 2016. A ética trágica da psicanálise residiria no fato de o sujeito responsabilizar-se, em perda, pelo desejo como causa, *après coup*, de seu ato? A liberdade existiria, paradoxalmente, no caminho de uma determinação aceita ou assumida, na visada da morte ou da segunda morte para além de Édipo e do princípio do prazer? Quais os quinhões de determinação e liberdade dados os (supostos) binarismos estruturantes da teoria psicanalítica? Como se relacionam determinação anatômica e bissexualidade constitutiva inexorável? Quais as responsabilidades, determinação, consagração e ruína do sujeito na assunção de sua sexualidade e gênero?

Dos cerca de 150 trabalhos apresentados nos encontros do Outrarte de 2017 e 2018, procedeu-se a uma seleção que foi submetida à análise por pares da comissão científica deste livro. Resultaram da avaliação os 37 capítulos que compõem o presente volume. Seria impossível, no âmbito desta apresentação, falar de cada um deles. Ainda que estritamente vinculadas aos teores e indagações propostos pelos eixos, as temáticas são amplas. Vão desde o autismo e questionamentos recíprocos entre psicanálise e teoria do gênero aos desafios postos por questões da transexualidade ou da psicose ligada ao feminino e à liberdade. A literatura, em suas interseções com a psicanálise, comparece assim como o cinema e as artes plásticas. Isso sem falar das já mencionadas tematizações da impossibilidade da relação sexual e do campo relacionado à tragédia e ao trágico. Em suma, fiel aos propósitos do Outrarte, *anatomia destino liberdade* explora os mais diversos entres, sem abdicar da necessária especificidade.